

Espiritismo, método científico e o equívoco da exclusão epistemológica

A afirmação de que o Espiritismo não pode ser considerado ciência porque envolveria metafísica parte de um erro conceitual duplo: desconhece o **critério histórico de cientificidade** e ignora o **papel estruturante da metafísica no próprio desenvolvimento das ciências modernas**. Quando esse erro é corrigido, a objeção simplesmente não se sustenta.

No século XIX, ciência não era definida pelo objeto estudado, mas **pelo método empregado**. É nesse ponto que o Espiritismo original, tal como sistematizado por **Allan Kardec**, se ancora de modo rigoroso na tradição científica reconhecida de sua época — tradição esta que permanece válida em amplas áreas do conhecimento atual.

Com colaboração de Ariane Netto.

O método da concordância e a ciência empírica

O método central utilizado por Kardec foi o **método da concordância**, formalizado por **John Stuart Mill** em *A System of Logic* (1843). O princípio é claro: quando um fenômeno ocorre em múltiplos casos independentes e apenas um elemento comum se repete em todos eles, esse elemento é identificado como causa ou parte essencial da causa.

Esse método não é periférico. Ele fundamenta:

- a epidemiologia observacional,
- a clínica médica pré-experimental,
- a sociologia comparativa,
- a biologia evolutiva,
- a linguística histórica.

Negar validade científica ao Espiritismo por empregar esse método implica negar, por coerência lógica, o estatuto científico dessas áreas. Não se trata de analogia;

trata-se de **identidade metodológica**.

Kardec aplicou o método de forma estrita: comunicações obtidas por médiuns diferentes, em países distintos, sem contato entre si; rejeição sistemática de mensagens contraditórias; eliminação da autoridade do médium como critério; primazia da convergência factual. Isso caracteriza uma **ciência de observação**, exatamente como definida no século XIX e ainda praticada hoje fora do laboratório fechado.

Reprodutibilidade: padrão, não repetição mecânica

Um erro recorrente é exigir do Espiritismo a mesma forma de reprodutibilidade da física experimental. Isso é epistemologicamente inválido. Diversas ciências reconhecidas não reproduzem eventos idênticos; reproduzem **padrões sob condições variadas**. A regularidade observada, não a repetição mecânica, é o critério racional.

O Espiritismo kardeciano atende a esse critério. A negação disso exigiria descartar também história, geologia, paleontologia e cosmologia — áreas que inferem causas e entidades a partir de efeitos observáveis, não diretamente instrumentais.

Metafísica como fundamento da ciência, não seu oposto

A tentativa de desqualificar o Espiritismo chamando-o de “metafísica” falha por ignorar um dado elementar da história das ideias: **a ciência moderna nasceu metafísica**.

Sem os pressupostos ontológicos e conceituais elaborados por **Gottfried Wilhelm Leibniz**, em especial na Monadologia, a ciência não teria se organizado como se organizou. Conceitos como substância, identidade, causalidade, lei, continuidade e unidade não são empíricos; são **metafísicos**. Ainda assim, são indispensáveis para qualquer prática científica.

Leibniz introduziu:

- unidades fundamentais não extensas,
- causalidade interna,
- correlação sistemática entre fenômenos sem contato direto.

Nada disso era observável empiricamente à época, mas tudo isso **orientou o desenvolvimento da matemática, da física e da lógica modernas**. O mesmo vale para Descartes, Newton e toda a ciência clássica. Eliminar a metafísica retrospectivamente é reescrever a história para atender a um preconceito contemporâneo.

Kardec e a inversão correta da metafísica dogmática

Importa notar: Kardec não construiu um sistema metafísico fechado e depois buscou fatos para confirmá-lo. Ele fez o inverso. Partiu de fenômenos observados e **extraiu apenas as consequências ontológicas mínimas exigidas pelos dados**. Isso não é metafísica especulativa; é metafísica derivada de observação — exatamente como ocorre em outras ciências.

A objeção moderna ao Espiritismo não é metodológica. É **ontológica e cultural**. O desconforto não está no método, mas no objeto. Confundir essas duas coisas não é ciência; é ideologia epistemológica.

Conclusão

Negar o caráter científico do Espiritismo kardeciano exige, por coerência, negar:

- a indução em ciências não experimentais,
- o método comparativo,
- a reprodutibilidade por convergência,
- a inferência a partir de dados mediatos,
- e o papel histórico da metafísica na ciência.

Essa posição não é sustentável. Ou se aceita que o Espiritismo original é uma **ciência de observação**, com limites claros e método definido, ou se redefine “ciência” de forma tão estreita que grande parte do conhecimento hoje reconhecido cai junto.

O problema, portanto, não está no Espiritismo. Está no critério adotado para julgá-lo.

Comunicação Espiritual, Autoridade Eclesiástica e Contradição Doutrinária: uma leitura crítica do “Manuscrito do Purgatório”

A obra conhecida como “**Manuscrito do Purgatório**” ocupa um lugar particular dentro da literatura católica de natureza mística. Sua narrativa descreve um intercâmbio contínuo entre a religiosa **Irmã M. d. I. C.** e o espírito da falecida **Irmã M. G.**, cuja voz, segundo o relato, instrui, admoesta, esclarece e comenta sua própria condição no estado pós-morte, ao longo de anos. O texto, ao ser avaliado e declarado livre de erro doutrinário por teólogos e autoridades eclesásticas, adquire valor espiritual e disciplinar interno.

Esse reconhecimento institucional, no entanto, expõe um dilema teológico e disciplinar. A **doutrina católica oficial nega a possibilidade de comunicação espontânea e habitual entre vivos e mortos**, permitindo-a apenas sob o regime de um milagre excepcional e com finalidades estritamente delimitadas. Em termos catequéticos, trata-se de um **evento extraordinário, não de uma lei natural**, e qualquer tentativa humana de evocação direta deve ser rejeitada, associando-a tradicionalmente à superstição ou ao demônio.

Entretanto, o conteúdo narrativo do livro contradiz essa formulação. Não há fenomenologia episódica. Há continuidade, instrução progressiva, detalhamento do estado espiritual da comunicante, e regularidade temporal. Em resumo, **há mediunidade**, independentemente da nomenclatura devocional aplicada. Logo, a obra apresenta uma tensão irreconciliável entre **a formulação dogmática declarada e a prática espiritual descrita**.

A estratégia de exceção permanente

Para resolver esse conflito, a obra mobiliza um expediente retórico: qualifica o fenômeno como um “privilégio”, uma “visita permitida por Deus”, e portanto **não como comunicação mediúnica natural**, mas como “graça mística singular”. Esse deslocamento semântico não altera a natureza do fenômeno; apenas o protege institucionalmente.

Trata-se do mesmo mecanismo histórico utilizado para justificar as experiências visionárias de místicos católicos — seja Catarina de Siena, Teresa d’Ávila ou o Cura d’Ars —: quando ocorre sob tutela eclesiástica, **o diálogo com o além é “milagre”**; quando ocorre fora dela, é **“ilusão”, “heresias”, “espiritismo” ou “ação demoníaca”**. O critério não é ontológico nem moral — é **jurisdicional**.

A lei natural versus o privilégio teológico

O contraste com a perspectiva metodológica espírita é instrutivo. Allan Kardec não define o fenômeno como concessão mística, mas como lei da natureza espiritual: **os espíritos comunicam porque vivem, pensam, lembram e habitam outra dimensão da realidade, e não por serem invocados em regime de exceção milagrosa**. A abordagem kardeciana exige:

- observação sistemática
- crítica e comparação das mensagens
- universalidade do ensino
- controle de mistificação
- ausência de autoridade pessoal como critério de verdade

Já o manuscrito católico recorre ao critério inverso: **autoridade eclesial = legitimidade; ausência de autoridade eclesial = suspeição demoníaca**. Não há metodologia; há **ratificação hierárquica**. O fenômeno é idêntico — apenas a estrutura de validação difere.

A contradição interna irreversível

Se, conforme o dogma, a comunicação espiritual verdadeira é raríssima e sempre extraordinária, como justificar **uma comunicação registrada ao longo de mais**

de uma década, com frequência regular e detalhamento progressivo? Uma exceção com permanência temporal deixa de ser exceção e assume a forma de **norma empírica**. O manuscrito, portanto, **não confirma o dogma católico — ele o viola pela prática**.

O texto pretende defender a ortodoxia; porém, ao documentar com naturalidade um processo de intercâmbio espiritual, revela inadvertidamente **a insuficiência da proibição e a artificialidade do “milagre restrito” como mecanismo disciplinar**.

Conclusão

O “Manuscrito do Purgatório” funciona como testemunho involuntário da viabilidade e continuidade do diálogo entre os dois planos da existência — justamente aquilo que a doutrina católica sustenta ser impossível fora de exceções miraculosas. A obra não demonstra a fragilidade do fenômeno espiritual, mas sim a fragilidade do **regime de controle discursivo sobre o fenômeno**. A contradição não reside no fato espiritual — reside **na tentativa institucional de monopolizá-lo**.

O manuscrito, ao invés de negar a mediunidade, a confirma — apenas muda seu nome para preservá-la no terreno da exclusividade clerical. O que se prova, assim, não é a inviabilidade do intercâmbio espirituais, mas o esforço histórico da Igreja para **administrar o acesso ao invisível**, e não para negá-lo em sua essência.

UMBRAL, “NOSSO LAR” E OUTRAS IMAGENS: DEMOLIÇÃO SISTEMÁTICA

Tese: as imagens de um plano espiritual materializado — colônias muradas, umbral geográfico, espíritos armados, economia de “bônus-hora”, sopas, casinhas

e hospitais — são mitos incompatíveis com os princípios centrais da Doutrina Espírita. Kardec submeteu tais ideias à análise — jamais as consolidou.

1. Colônias espirituais e “Nosso Lar”

Afirmção comum: o além é estruturado em cidades e colônias, com muros, ministérios e residências fixas (como em *Nosso Lar*).

Refutação: a identidade espiritual é moral, não arquitetônica. A forma e o ambiente são criações fluídicas, moldadas pelo pensamento e pela evocação. Espíritos lúcidos descrevem o meio espiritual como estados de consciência, não como cidades edificadas. Conclusão: mito das colônias muradas — derrubado.

2. Umbral como local geográfico de sofrimento

Afirmção comum: o “umbral” é região intermediária, zona densa e purgatorial.

Refutação: o sofrimento decorre da consciência culpada e da fixação mental no erro. Espíritos permanecem ligados aos locais de seus crimes até se renovarem moralmente, não por prisão territorial, mas por afinidade mental. “Umbral” é metáfora para o estado de perturbação pós-desencarne, não espaço físico. Conclusão: mito do umbral geográfico — derrubado.

3. Batalhas espirituais e defesas energéticas

Afirmção comum: Espíritos se protegem de ataques com dardos elétricos, campos de força ou muralhas.

Refutação: Espíritos inferiores não suportam a presença dos superiores. A ação entre planos é moral, não bélica. A simples irradiação do bem dissolve qualquer tentativa de hostilidade. Conclusão: mito das armas espirituais — derrubado.

4. Economia espiritual e “bônus-hora”

Afirmção comum: o bem gera créditos espirituais contabilizáveis.

Refutação: o mérito não é quantificável. O bem é espontâneo, livre, desinteressado. Substituir a moral por contabilidade é corromper o princípio da liberdade da consciência. Conclusão: mito do “bônus-hora” — derrubado.

5. Espíritos alimentando-se de substâncias sutis

Afirmção comum: Espíritos “tomam sopas” ou “suquinhos” em zonas espirituais.

Refutação: a “fome” espiritual é desejo moral, não necessidade orgânica. Espíritos apegados à matéria projetam ilusões alimentares até libertarem-se. Conclusão: mito da sopinha — derrubado.

6. Necessidade de abrigo físico

Afirmação comum: Espíritos residem em casas, com móveis, camas e utensílios.
Refutação: não há frio, calor nem fadiga corporal. A ideia de habitação física expressa apenas analogia mental. Espíritos vivem em comunidades de afinidade, sem dependência material. Conclusão: mito da casinha — derrubado.

7. Forma corporal e identidade espiritual

Afirmação comum: Espíritos conservam feições e corpos fixos.

Refutação: a forma é produto do pensamento; só se mantém quando evocada ou desejada. O reconhecimento espiritual se dá pela essência, não pela aparência.

Conclusão: mito da forma fixa — derrubado.

8. Hospitais espirituais

Afirmação comum: existem hospitais e enfermarias no plano espiritual, onde Espíritos “doentes” recebem tratamento médico.

Refutação: a dor espiritual é moral, não orgânica. Não há corpos a medicar, nem tecidos a regenerar. O chamado “tratamento” é assistência moral e esclarecimento, conduzido pela influência dos bons Espíritos e pela educação da vontade. As descrições de salas, leitos e instrumentos são traduções simbólicas da ação fluídica e pedagógica sobre Espíritos ainda presos às impressões da matéria.

Conclusão: mito dos hospitais espirituais — derrubado.

Conclusão geral

A Doutrina Espírita, em sua base kardecista, é desmaterializadora. O mundo espiritual não replica o mundo físico: é campo de consciência, de moralidade e de afinidade vibratória. Kardec jamais consolidou a ideia de colônias, umbrais, hospitais ou economias espirituais — porque, diante da análise comparativa e racional, tais concepções não resistem. Insistir nelas é abandonar a observação e retornar ao materialismo sob forma de fantasia religiosa.

O Brasil e a Ilusão da Pátria do

Evangelho: A Quimera Roustanguista no Movimento Espírita

Introdução: A promessa frustrada de uma missão espiritual

O Brasil, com sua riqueza natural incomparável e sua posição geoestratégica, tem sido repetidamente apontado como um país do futuro. No entanto, esse “futuro” parece nunca chegar. Em meio a essa expectativa permanente, surgiu uma narrativa peculiar dentro do movimento espírita brasileiro: a ideia de que o Brasil seria a “Pátria do Evangelho”. Essa tese, nunca prevista por Allan Kardec ou pelos Espíritos da Codificação, ganhou força após a publicação do livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, atribuído ao espírito Humberto de Campos e psicografado por Chico Xavier.

Longe de representar uma missão autêntica ou uma promessa divina, essa ideia se transformou numa muleta emocional e ideológica, utilizada por instituições como a FEB para perpetuar sua influência e manter o povo em uma ilusão paralisante.

O desvio doutrinário: quando a FEB se tornou uma trincheira roustanguista

Fundada em 1884, a Federação Espírita Brasileira passou por uma guinada decisiva em 1895, com a ascensão de Bezerra de Menezes à sua presidência. Adepto das ideias de Jean-Baptiste Roustaing, Bezerra promoveu a integração das teses roustanguistas à prática institucional da FEB. Roustaing defendia um Espiritismo místico, fortemente influenciado por interpretações dogmáticas e por ideias como o corpo fluídico de Jesus e a infalibilidade de certos médiuns.

Essas posições contrariavam diretamente a proposta de Kardec, que sempre defendeu o controle universal do ensino dos espíritos, a pluralidade das fontes e a razão como critério de análise. A substituição progressiva do Espiritismo racional,

experimental e filosófico por uma versão sentimentalista e dogmática criou uma cisão profunda no movimento.

A mistificação do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”

Publicado em 1938, esse livro tornou-se um dos pilares da mitologia institucional da FEB. A obra apresenta uma narrativa altamente simbólica, repleta de elementos sobrenaturais e afirmações inverificáveis, que posicionam o Brasil como um instrumento direto da providência divina.

O trecho mais polêmico da obra afirma que Kardec contou com a colaboração de Roustaing como um dos pilares da Codificação. Essa afirmação não apenas é falsa como também ofensiva à memória e ao método kardequiano. Roustaing se colocava em oposição a Kardec, rejeitando o critério de exame racional e substituindo-o por uma crença dogmática e personalista.

A recente remoção silenciosa do nome de Roustaing das apostilas do ESDE, sem qualquer retratação ou nota pública, evidencia o modus operandi da FEB: apagar os rastros de sua orientação doutrinária sem jamais admitir seu erro.

As consequências dessa ilusão para o povo brasileiro

Ao promover a ideia de que o Brasil tem uma missão divina já garantida, cria-se uma cultura de passividade espiritual. O povo brasileiro, já fragilizado por um histórico de desigualdade, corrupção e impunidade, encontra nessa narrativa uma justificativa para a inércia: afinal, se a Providência escolheu o Brasil, tudo dará certo no fim.

A falta de educação moral real, como proposta em O Livro dos Espíritos (questões 614 a 625), somada à ausência de senso crítico e de participação cívica, permite que médiuns fascinados e instituições dogmáticas manipulem milhões. Em vez de promover a emancipação da consciência, como é o verdadeiro objetivo do Espiritismo, essas práticas mantêm os indivíduos infantilizados espiritualmente.

O verdadeiro papel do Brasil à luz do Espiritismo de Kardec

Kardec nunca apontou nações como detentoras de missões exclusivas. Em A Gênese, cap. XVIII, item 27, ele afirma que “os grandes movimentos progressistas se operam geralmente de maneira simultânea em várias partes do globo”. A missão, portanto, é sempre moral, individual e coletiva, nunca nacionalista ou predestinada.

A verdadeira redenção do Brasil não virá por decreto espiritual, mas pelo trabalho dos homens de bem, conforme descrito em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XX, item 5: “Os verdadeiros ‘obreiros do Senhor’ são todos aqueles que se colocam a serviço do bem com dedicação e desinteresse”.

Portanto, o Espiritismo pode sim desempenhar um papel fundamental na reconstrução moral do Brasil, mas apenas se for o Espiritismo de Kardec — não o dogmático, nem o manipulador.

Conclusão: O Brasil ainda pode se redimir — mas com Kardec, e não com ilusões

Se existe uma missão reservada ao Brasil, ela é condicional: depende do despertar da consciência moral, da reforma íntima, da superação do personalismo e do retorno às bases sólidas da Codificação. Nada disso acontecerá com a perpetuação de mitos, mistificações ou livros apócrifos travestidos de doutrina que, infelizmente, estão há tempos injustamente titulados como “espíritas”.

O Espiritismo no Brasil está em um ponto de inflexão. Cabe aos espíritas sérios e comprometidos com a verdade fazerem a distinção entre a Doutrina dos Espíritos e o sistema institucional comprometido com o passado. Somente então o Brasil poderá começar a cumprir, com dignidade e razão, seu verdadeiro papel no futuro espiritual da humanidade.

Linguagem Específica da Ciência Espírita

Você sabia que a maioria dos que se dizem espíritas... não conhecem o Espiritismo? Nem usam a linguagem específica da ciência espírita para explicar seus fenômenos e seus conceitos.

Ser espírita não é questão de adesão emocional, nem de consumir romances supostamente “espíritas”.

Ser espírita é estudar com seriedade a Ciência Espírita, compreendendo seus fundamentos e colocando em prática seus princípios — como ensinava Allan Kardec.

O Espiritismo é uma doutrina de estudo, razão e observação. Trocar essa ciência por ficção é um enorme mal causado ao Espiritismo. Como é uma **Ciência Filosófica** ela deve ser estudada com os termos científicos específicos.

Na época de Kardec, as **Ciências Filosóficas** faziam parte do ensino.

Na Universidade de Sorbone, séc XIX, as disciplinas eram divididas em: a) As ciências exatas ou matemáticas. b) As ciências naturais, que estudam os objetos do mundo físico (física, química, biologia etc.). **c) As ciências morais, que estudam o mundo moral, o qual compreende as ações e pensamentos do gênero humano.** Dentre as ciências morais, a divisão eram 4: 1. As ciências filosóficas, divididas em duas classes: psicológicas (psicologia, lógica, moral, estética) e metafísicas (teodiceia, psicologia racional, cosmologia racional) ; 2. As ciências históricas (história, arqueologia, epigrafia, numismática, geografia) estudam os acontecimentos e o desenvolvimento humano no tempo; 3. As ciências filológicas (filologia, etimologia, paleografia etc.), que têm como objeto a linguagem e a expressão simbólica humana; 4. As ciências sociais e políticas (política, jurisprudência, economia política), que estudam a vida social do ser humano.

Quando Allan Kardec lançou sua Primeira Edição da Revista Espírita de 1858, logo a definiu na sua introdução ao justificar seu título Jornal de Estudos Psicológicos. **A Ciência Espírita é, segundo seu tempo apresentado no quadro acima: Ciência Moral**

Como Ciência, sua linguagem é específica dos elementos dessa ciência para todos se entenderem. Os termos são extremamente importantes para haver uma comunicação adequada das ideias espíritas. Nós vemos, hoje em dia, uma mistura da ciência totalmente materialista do nosso tempo em que não se considera o estudo das hipóteses Metafísicas, por exemplo. Além disso, misturarem palavras de um em outro. Por causa disso, há uma confusão de conceitos do Materialismo misturado com o estudo dos assuntos do Espírito, que se estuda também metafisicamente.

Daremos alguns exemplos do uso equivocado de termos materialistas que passam despercebidos:

1. **USE PSICOFONIA - NÃO USE INCORPORAÇÃO:** nós vemos muitos palestrantes ou mesmo descrições de manifestações em textos dito espíritas que se usa o termo incorporação. Espírito não é matéria para ocupar um lugar físico. Espírito não incorpora nenhum corpo. nem seu próprio espírito incorpora você. O Espírito fala pelo médium através de uma fenômeno chamado PSICOFONIA. O espírito do médium está COM ele e não incorpora seu corpo físico. Esse ponto é bem importante para não criar a falsa ideia de que o médium é possuído por outro espírito, ou que o espírito comunicamente toma o corpo do médium, ou mesmo que o espírito do médium vai para outros lugares enquanto o médium está em psicofonia. Isso não existe na Ciência Espírita!
2. **A AÇÃO DO ESPÍRITO É TÃO E SOMENTE PELO SEU PENSAMENTO:** espírito não tem corpo material. Segundo os estudos da Ciência Espírita, Deus criou 2 elementos gerais: ESPÍRITO E MATÉRIA. Espírito não tem analogia no nosso mundo material. Períspírito é matéria. O material de que é feito o períspírito é desconhecido para nós, mas mesmo sem conhecermos as características dele, é matéria. Períspírito não faz parte do espírito, assim como períspírito não é espírito. O espírito age através e tão somente pelo pensamento . Como exatamente isso acontece ainda é desconhecida por nós, mas há varias teorias dentro das livros que explicam esse mecanismo (leia [A Gênese, cap. XIV - Os Fluidos.](#))
3. **USE EMANAÇÃO OU PROPAGAÇÃO - NÃO USE ENERGIA:** o termo energia é definida na Física como capacidade de um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho. Em termos

figurados(não científicos), energia é vigor ou potência moral; filosoficamente falando, segundo Aristóteles, ação de um motor físico ou metafísico (a metafísica, não é considerado ciência nos tempos de hoje) que permite a atualização de uma potencialidade. Veja, todas as definições levam em conta algo físico agindo sobre algo físico. Um dos princípios da Ciência Espirita é de que somos uma alma encarnada. Se somos uma alma, não temos corpo, logo não poderá ser uma energia(algo físico) saindo do espirito ou alma(não físico) e chegando em um corpo(físico). O mais apropriado seria uma emanção ou mesmo propagação .

4. **USE ESPÍRITO - NÃO USE MENTE:** usa-se mente por outras áreas da ciência atual materialista. Alguns confundem mente com cérebro; cérebro é um órgão do corpo, cérebro é matéria. Como a Ciência Materialista não admite o espirito como hipótese, ele atribui ao cérebro o processo de pensar, mas não foi isso que os espíritos explicaram. Segundo a Ciência Espirita, através de sua observação, quem comanda o corpo é o espirito e não o cérebro. O cérebro envia os comandos. O cérebro nasce, vive e morre e o espirito permanece e leva com ele os conhecimentos adquiridos por várias encarnações. Quem tem e leva o conhecimento é o espirito não a mente. Quem pensa é o espirito. Você que entende a doutrina espirita sabe disso e sempre usa Espirito ao invés de Mente, não é?
5. **USE “COMO SE FOSSE UMA VIBRAÇÃO” - NÃO USE “VIBRAÇÃO” ISOLADAMENTE AO FALAR DE FENOMENOS ESPÍRITAS:** há hipóteses do mecanismo propriamente dito (vide item 2) e tão somente hipóteses. Usar o termo vibração pode levar a crer que o fenômeno espirita é uma onda como estudada na Física Ondulatória, onde apresenta diferentes tipos de ondas e vibrações diferentes, etc.
6. **USE PERISPÍRITO - NÃO USE FANTASMA:** quem estuda a Ciência Espirita, sabe que há fenômenos de aparições que remetem a essas figuras que impressionam nosso imaginário. Mas não passam de espíritos e seus fenômenos para muitas vezes brincar ou assustar os encarnados. Espirita ter medo de espirito não existe!
7. **ESTAMOS SEMPRE NO MUNDO ESPIRITUAL:** segundo a Ciência Espirita, quando encarnados vivemos em um mundo dual: mundo da matéria e mundo do espirito. Quando morremos, desencarnamos, ou seja, deixamos a matéria, mas CONTINUAMOS NO MUNDO ESPIRITUAL. Não use mais os termos “ele morreu e foi para a pátria espiritual”(Ele já

estava no mundo dos espíritos); “agora vai encontrar seus entes que já morreram”(os seus entes queridos nunca estão longe. Lembra que os Espíritos não ficam em nenhum lugar?(vide item 1); “ele nos deixou”, etc

8. **USE CAUSA E EFEITO - NÃO USE LEI DE CAUSA E EFEITO:** A causalidade é geralmente considerada um princípio fundamental, e não uma lei específica, no contexto filosófico e científico. Ela descreve a relação de causa e efeito entre eventos, onde um evento (a causa) é entendido como a razão por trás da ocorrência de outro evento (o efeito). A causalidade é um princípio fundamental que ajuda a entender a natureza da relação entre causa e efeito, e é utilizado em diversas áreas, desde a física e as ciências naturais até a filosofia e o direito. **Embora a causalidade seja frequentemente referida como “lei da causa e efeito”, ela não é uma lei científica no sentido de uma relação quantitativa e experimentalmente verificável, como as leis da física. Ela é mais um conceito ou princípio que descreve a natureza da relação entre causa e efeito. A causalidade é importante para a compreensão do mundo ao nosso redor, pois permite identificar as causas de fenômenos e prever seus efeitos. Ela é fundamental para a ciência, a tecnologia e a vida cotidiana, pois nos ajuda a entender e interagir com o mundo de forma mais eficiente.** Um exemplo: Imagine em uma caçada, um animal é abatido com um tiro e morre. O efeito é a morte. A causa foi o disparo da espingarda. Não foi uma Lei. Na Ciência Espírita, Kardec usou muito desses princípios para explicar os efeitos inteligentes das manifestações espíritas inteligentes. Lá ele explica que para todo efeito inteligente há uma causa inteligente. Há inúmeros relatos nas obras dele.
9. **USE PROVAS E EXPIAÇÕES - NÃO USE KARMA(OU CARMA):** Karma e Espiritismo são como água e óleo: não se misturam. Cuidado com as pessoas que pregam a doutrina do karma dentro do meio espírita, pois o entendimento da [Doutrina Espírita vai no sentido oposto](#).(clique no link para ler a explicação completa).
10. **USE ESPIRITO ESTACIONADO - NÃO USE RETROGRADAÇÃO:** muitos misturam outras doutrinas reencarnacionistas com a ciência dos espíritos.. Segundo a Ciência Espírita, nós, espíritos, quando estamos mergulhados em imperfeições, como orgulho e egoísmo. Assim ficamos estacionados como em looping e não evoluímos. Mas isso não quer dizer que estamos voltando e vamos reencarnar em animais. Isso só quer dizer

que ESTACIONAMOS NO PROCESSO EVOLUTIVO! O espírito de um ser humano nunca perde o conhecimento que teve anteriormente, então ele nunca reencarnará como animal por causa de suas imperfeições. Ele simplesmente não progredirá até se arrepender e retornar sinceramente ao bem.

11. **QUEM REGENERÁ SERÃO OS ESPÍRITOS DO PLANETA TERRA - O PLANETA TERRA NÃO REGENERÁ:** o Planeta não vai mudar e daí os espíritos vão ter que evoluir. Não existe DATA LIMITE, ANO, SÉCULO nem nada. É o inverso! Os espírito que estão no planeta que vão evoluir. Vai ser simplesmente quando a maioria dos espíritos encarnados estiverem mais evoluídos, não precisando mais de provas e expiações para evoluir. Um dia o Planeta terra se extinguirá como qualquer outro planeta também será. Essa é a ordem do universo material que conhecemos.
12. **USE ESPÍRITO PURO - NAO USE ESPÍRITO PERFEITO:** O ideal de perfeição é Deus, então nunca um espírito vai ser um espírito perfeito. O espírito vai chegar a perfeição relativa ao seu grau evolutivo. Espírito Puro é aquele que não precisa mais reencarnar para evoluir pois já não sofre influencia da matéria. Mesmo sendo puros, eles vão evoluir (Lei do Progresso)
13. **PASSE NÃO É TRANSFERENCIA DE ENERGIA:** vide item 3

Se você lembrar de alguma expressão equivocada, só deixar um comentário.

Por que a Educação Precisa Urgentemente da Visão Espírita: O Que a Ciência Espírita Revela Sobre as Crianças

Descubra por que a visão espírita sobre a infância pode transformar a educação. Entenda como a Doutrina Espírita revela tendências espirituais e aponta

caminhos para uma educação mais completa.

Queda pelo pecado: a maior mentira já contada à humanidade

A ideia da “queda pelo pecado”, associada ao dogma do inferno eterno, constitui uma das maiores construções mentais de controle, medo e alienação que já se impuseram à humanidade. Sob a ótica do verdadeiro Espiritismo — o que se baseia exclusivamente nas obras de Allan Kardec, estruturado como ciência de observação dos fatos espirituais — essa concepção é desmascarada em suas bases filosóficas, morais e lógicas.

1. O Dogma da Queda: Um mito de origem baseado na culpa

O mito da “queda” — presente em diferentes tradições religiosas — parte da ideia de que o Espírito foi criado perfeito, mas caiu por desobediência. Isso implica que a dor, o sofrimento e as imperfeições humanas seriam castigos divinos, consequência de uma culpa original.

Kardec rejeita essa ideia de forma contundente. Em O Livro dos Espíritos, especialmente nas questões 115 a 121, ele demonstra que os Espíritos são criados simples e ignorantes, e que a evolução é fruto de um processo progressivo, natural e racional, e não de uma punição. Não há “queda”: há educação e ascensão. A ignorância inicial não é culpa, é ponto de partida.

2. O Inferno: uma construção moralista baseada no medo

O dogma do inferno eterno é ainda mais cruel. Ele não apenas limita a liberdade de pensar, mas cristaliza o erro e eterniza o sofrimento, negando a justiça e a misericórdia divinas.

Kardec combate essa noção em O Céu e o Inferno, demonstrando que não há penas eternas. A justiça divina é proporcional, educativa e regeneradora. O Espírito sofre, sim, mas sofre em razão de sua própria inferioridade moral, que persiste enquanto ele a mantiver. O sofrimento é passageiro, didático, jamais punitivo eterno.

3. A falsa espiritualização do castigo: carma, lei de retorno, ação e reação

No Espiritismo verdadeiro, não há lugar para ideias como “carma”, “lei de ação e reação” ou “lei do retorno”, porque tais conceitos implicam uma justiça automática, quase mecânica, que despersonaliza o Espírito e transforma a vida espiritual numa engrenagem de punições e compensações.

Kardec propõe outra lógica: a liberdade moral e o progresso pelo esforço consciente. As consequências dos atos não são castigos impostos de fora, mas resultados naturais que oferecem ao Espírito oportunidade de compreender, crescer e superar suas limitações. Trata-se de uma pedagogia moral, não de uma contabilidade cósmica.

4. O efeito perverso desses dogmas: reforçar o desvio e impedir a evolução

Quando alguém é ensinado a acreditar que já nasce culpado, que está manchado por um pecado original, ou que sofrerá eternamente por suas falhas, esse indivíduo internaliza o medo e, muitas vezes, a desesperança. Ao invés de estimular a transformação, tais ideias cristalizam o erro. O homem passa a crer que é naturalmente mau, indigno, perdido — e, assim, justifica seus próprios desvios ou se acomoda na inércia.

O Espiritismo propõe o contrário: o Espírito é perfectível. Ele é livre para escolher, aprender, errar, corrigir, amar e evoluir. Não há culpa eterna, mas responsabilidade contínua. Não há inferno, mas estados interiores de sofrimento ou paz, conforme a consciência se ilumina.

5. Conclusão: o Espiritismo liberta, não condena

A maior libertação que o verdadeiro Espiritismo oferece à humanidade é essa: a destruição dos grilhões da culpa e do medo, substituídos pela luz da razão e da confiança no progresso. Não caímos de um paraíso: estamos subindo, passo a passo, da ignorância à sabedoria, da imperfeição à virtude.

Não somos condenados por existir: fomos criados para evoluir. Esse é o grande legado de Kardec.

Ninguém se torna espírita por mera adesão (nem por ler romances)

Você sabia que a maioria dos que se dizem espíritas... não conhecem o Espiritismo?

Ser espírita não é questão de adesão emocional, nem de consumir romances supostamente “espíritas”.

Ser espírita é estudar com seriedade a ciência espírita, compreendendo seus fundamentos e colocando em prática seus princípios — como ensinava Allan Kardec.

Infelizmente, até palestrantes famosos repetem absurdos que não estão nas obras

da Codificação.

Veja uma lista de falsas ideias comumente difundidas, mas totalmente incompatíveis com o Espiritismo verdadeiro:

Não pode praticar mediunidade fora do centro (pode sim).

Não pode evocar os Espíritos (deve evocar, conforme Kardec ensinou).

Aceitar comunicações sem examinar (jamais faça isso!).

Nosso Lar e umbral existem (não existem; são criações literárias).

Passe é transferência de energia (não é; não há “energia” fluídica como no senso comum).

Todos os sofrimentos são expiações causadas por culpa (não são; há provas, missões e causas atuais).

A FEB define o Espiritismo (não define; muitas vezes se afasta dele).

Deficientes físicos nasceram assim por su... na vida anterior (isso é falso e perigoso).

Perispírito armazena danos a serem reparados em vidas futuras (falso; o perispírito não guarda “danos” físicos).

Recomendar romances para novatos conhecerem o Espiritismo (não se deve fazer isso; romances geram falsas ideias).

E por aí vai...

O Espiritismo é uma doutrina de estudo, razão e observação.

Trocar essa ciência por ficção é um enorme mal causado ao Espiritismo.

Se você quer conhecer o verdadeiro Espiritismo, sem distorções:

Acesse o site do Grupo de Estudos O Legado de Allan Kardec

Comece agora a estudar com base nas obras originais, sem deturpações.

Encerramento de uma Era: Reflexões sobre a morte de Divaldo Franco

A morte do médium Divaldo Franco marca o fim simbólico de uma era no movimento espírita brasileiro — uma era em que médiuns renomados foram alçados à condição de líderes do Espiritismo. Mas é preciso dizer com toda a clareza: essa função jamais lhes competiu.

Divaldo Franco, como espírito encarnado, certamente realizou o bem. Em muitos momentos, posicionou-se corretamente quanto à Doutrina Espírita. Porém, seu trabalho — como o de qualquer médium — precisa ser analisado à luz da razão e confrontado com os princípios estabelecidos por Allan Kardec. Infelizmente, diversas de suas obras se afastam desses fundamentos, frequentemente adotando ideias ligadas ao **roustainguismo** e ao **carma**, conceitos que não pertencem à estrutura doutrinária do Espiritismo.

É importante frisar: **não se “volta” ao mundo espiritual**. Jamais o deixamos. Somos espíritos encarnados, e o mundo material é apenas uma expressão transitória da realidade espiritual. Esse ponto, tantas vezes simplificado ou distorcido, precisa ser resgatado em sua profundidade.

Chega de Idolatria

O movimento espírita precisa urgentemente abandonar a idolatria de médiuns. Nomes famosos são aceitos sem crítica, e suas psicografias publicadas às centenas, sem qualquer exame doutrinário rigoroso. O Espiritismo, sendo ciência, exige **exame crítico constante** — e esse exame não pode ser dispensado por conta da fama ou da suposta elevação moral de quem escreve ou transmite uma mensagem.

Sejamos diretos: muitas das comunicações atribuídas a espíritos superiores por Divaldo e outros médiuns não resistem à análise racional. Algumas são bem-

intencionadas, mas reproduzem ideias terrenas. Outras são mistificações. A diferença entre elas só pode ser percebida com estudo sério, raciocínio e prática da evocação consciente e criteriosa — exatamente como ensinava Kardec.

Alerta: A Disputa pelo Espaço Vago

Com a partida de Divaldo, **o espaço simbólico que ele ocupava ficará vago** — e é aqui que precisamos redobrar a atenção. Alguns médiuns, já bastante conhecidos por suas supostas “cartas do além”, recheadas de clichês emocionais e doutrinariamente pobres, certamente tentarão ocupar esse lugar.

É preciso discernimento. As tais cartas que confortam sem esclarecer, que emocionam sem instruir, que repetem chavões e ideias banais, são o oposto da proposta de Allan Kardec. Representam o Espiritismo sentimentalizado, moralista e desconectado da investigação séria. **Não podemos permitir que o Espiritismo continue sendo moldado por esse tipo de mediunidade superficial.**

É Hora de Retomar o Espiritismo Verdadeiro

A Doutrina Espírita não precisa de líderes. Precisa de espíritas comprometidos com o método de **investigação racional dos fenômenos espirituais**, com a evocação ativa dos Espíritos e com o exame minucioso das mensagens. Kardec nos mostrou isso de forma inequívoca.

Para quem deseja compreender melhor esse modelo de organização colaborativa, recomendamos dois textos fundamentais da *Revista Espírita*, ambos de Allan Kardec:

- **Dezembro de 1861** - *Organização do Espiritismo*
- **Dezembro de 1868** - *Constituição Transitória do Espiritismo*

O verdadeiro Espiritismo é feito em rede, por todos, com método, com crítica, com razão. Chegou a hora de deixar os mitos e os ídolos para trás e retomarmos o caminho traçado por Kardec — sem desvios, sem adutores, sem “cartinhas do além” recicladas em livros que apenas repetem o que o mundo já conhece.

O Frei Gilson precisa estudar melhor a Bíblia

Deixo, a seguir, um excelente comentário, colocado no canal Espiritismo de Verdade, no Youtube, pelo amigo Antonio A. G.:

“O Frei Gilson precisa estudar melhor a Bíblia, que alega tanto conhecer, pois, quando Jesus foi acusado pelos sacerdotes (coincidência?) de que os milagres d’Ele eram feitos pelo diabo, Ele respondeu com um silogismo magistral!

Ensinou que um reino dividido contra si mesmo não subsiste, que, se Satanás expelir a Satanás, dividido estará contra si mesmo, se autodestraindo.

A fórmula que Jesus deu para se reconhecer o Bem e o Mal é analisar os frutos da árvore: a árvore boa não pode dar fruto mau, e vice-versa, nem da fonte boa jorrar água salobra.

É preciso ver quais são os frutos produzidos pelo Espiritismo. O que os bons Espíritos ensinam e praticam? Seus frutos são bons ou maus? Para não julgar segundo a aparência, mas sim pela reta justiça, conforme Ele nos aconselhou fazer com todas as coisas.

Quer conhecer o verdadeiro Espiritismo? [Clique aqui](#).

O frei precisa estudar a Bíblia com independência, não através da lente desfocada do catolicismo, mas se certificar do que realmente ela ensina e NÃO ensina!

Por outro lado, quando o frei alega que a Bíblia não ensina o conceito de vidas passadas (que possibilita o retorno pela reencarnação), observe o que Jesus ensina no episódio do cego de nascença:

Quando perguntaram a Ele quem teria pecado para que o homem NASCESSE CEGO — se seus pais ou o próprio cego — Ele respondeu que nem O CEGO nem os pais dele tinham pecado para que ele nascesse assim, mas que a cegueira de nascença seria um instrumento para a manifestação da glória de Deus na pessoa

do cego!

O ponto de partida da vida do cego foi NASCER cego, e o verbo “pecar” está no tempo passado, ANTEPOSTO ao nascimento do cego! Precisa desenhar?

E atente-se que Jesus, pela grande responsabilidade da missão que tinha, nunca perdia a oportunidade de corrigir crenças errôneas e perigosas.

No episódio com os saduceus, que não criam em nada além desta vida material, o Mestre os advertiu de que laboravam em grande erro por não conhecerem as Escrituras nem o poder de Deus. Esse é o problema de muitos cristãos e seus sacerdotes: não conhecer as Escrituras.

É preciso ousar e saber questionar as próprias crenças, Frei Gilson. Saia da zona de conforto do religiosismo denominacional do catolicismo e mergulhe no Evangelho puro!

SE O ESPIRITISMO FOSSE ESSA DOUTRINA ENGANOSA E MALIGNA QUE O FREI DIZ, NAQUELA OPORTUNIDADE JESUS COM CERTEZA TERIA CONDENADO A CRENÇA DOS JUDEUS NA REENCARNAÇÃO!”